

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

16

Ἰσθμίου Παναθηναίων ἑορτῆς ἐπισημοῦς
ἡμερῶν ἀπὸ τῆς ἀρχαίας ἱστορίας
ΜΗΝΙΝ ΑἸΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

A obra completa-se com a Bibliografia (179-182), organizada de acordo com a divisão da matéria exposta, e um índice remissivo de pessoas e lugares (pp. 183-192).

Para elaborar a sua versão dos textos egípcios que compulsou, Joyce Tyldesley teve em conta a heterogeneidade dos leitores, a maior parte dos quais não é especializada no tema tratado, e por isso optou por uma tradução mais «descontraída» em vez de uma tradução mais «à letra», atendendo a que, como registou logo na introdução, «a precise translation can bring a false sense of completeness, petrifying a tale that once enjoyed a more fluid telling».

Luís Manuel de Araújo

THIERRY-LOUIS BERGEROT (dir.), *Akhénaton et l'époque amarnienne*, Bibliothèque d'Égypte & Orient, Paris: Éditions Khéops et Centre d'Égyptologie, 2005, 320 pp., ISBN 2-9504368-6-2

Este volume de temática amarniana, sempre sedutora e estusiasmante, começa com um «Avant-propos» de Thierry-Louis Bergerot, que dirigiu a obra em apreço ((pp. 5-7), seguido pelo «Préface» do amarnólogo Bernard Mathieu (pp. 9-12), que também é autor de um dos dezasseis artigos aqui reunidos.

O primeiro é sobre «La postérité d'Amenhotep III» (pp. 13-33), e deve-se a Marc Gabolde, «maître de conférences» na Universidade Paul Valéry (Montpellier III), fazendo desfilar as conhecidas figuras dos filhos reais e das filhas, e asseverando que Tutankhaton-Tutankhamon era filho de Nefertiti e Akhenaton (contrariando a tese da maternidade da dama Kia). O autor aceita também uma tese recente que faz do obscuro Semenkharé o príncipe hitita Zannanza.

Segue-se Robert Vergnieux, do CNRS e do Institut Ausonius de Bordéus, trazendo-nos «Quelques points clefs sur la période proto-amarnienne» (pp. 35-50), estabelecendo o percurso ideológico que levou o rei da veneração de Ré-Horakhti até Aton, com uma nova liturgia realizada a «céu aberto».

Jean-Luc Chappaz, conservador do Musée d'Art et d'Histoire de Genève, conhecido chauabólogo, recorda a presença efémera de «Amenhotep IV à Karnak» (pp. 51-64), com as construções feitas em pleno domínio amoniano de Karnak, onde ele erigiu um «palácio do *benben*» para Ré-Horakhti.

O mesmo autor trata, na sequência do artigo anterior, da transferência do monarca e sua corte para Amarna-Akhetaton, «L'horizont d'Aton» (pp. 65-83), lembrando o programa de urbanismo lá desenvolvido e sublinhando a importância de alguns monumentos.

O tema tem desenvolvimento com Marc Gabolde, reconstituindo «Amarna, la cité du roi-soleil» (pp. 85-104), com uma descrição mais pormenorizada da cidade e seus arredores, para o que são úteis as catorze estelas fronteiriças erguidas pelo rei; especifica as áreas que foram definidas no novo espaço urbano: templos e santuários, instalações reais, terras e bens destinados ao funcionamento das instituições, necrópoles para a corte e para os funcionários, e estrutura funerária para o touro Mnévis.

O famoso hino a Aton, aparentemente da autoria do próprio Akhenaton, é apreciado em «Le Grand Hymne à Aton» por Bernard Mathieu (pp. 105-116), com reprodução do texto hieroglífico e tradução, lembrando que do hino existem várias versões, a mais completa das quais foi inscrita no túmulo do alto funcionário Ai, depois faraó (Kheperkheperuré Ai).

«Néfertiti, la reine sans nom» (pp. 117-134) é o título do contributo de Claude Traunecker, professor na Universidade Marc Bloch (Estrasburgo II), negando a origem estrangeira da rainha e recusando a existência de um pretense monoteísmo de que também ela seria adepta: em suma, a rainha teve um grande poder ao lado do rei como imagem viva de Hathor.

«Les représentations de Néfertiti et Akhéaton sont-elles réalistes?», interrogam-se Rolf Krauss e Eliese Sophia Lincke num artigo deveras interpellante (pp. 135-144). O primeiro é professor na Universidade Humboldt de Berlim, a segunda é assistente na mesma Universidade. No que toca ao famoso busto de Nefertiti, hoje no Museu Egípcio de Berlim, concluem que não se trata de uma interpretação realista.

De novo Claude Traunecker participa na compilação, agora com «Amenhotep IV, precepteur royal du Disque» (pp. 145-182), onde analisa as listas de imposições urdidas pelo rei para serem cumpridas pelas várias regiões do Egípcio, perguntando se não se trataria de uma «liturgia de Estado».

Jean-Luc Bovot, «ingénieur d'études» no Departamento de Antiguidades Egípcias do Museu do Louvre, desvia a sua (e nossa) atenção para «La tombe KV 55, un imbroglio archéologique» (pp. 183-224), especialmente para o sarcófago parcialmente destruído que lá foi encontrado e que está no Museu Egípcio do Cairo, o qual pertenceria a Meritaton, uma das filhas de Akhenaton e Nefertiti.

O mesmo egiptólogo, desta feita como chauabtólogo, apresenta «Un chaouabti pour deux reines amarniennes?» (pp. 225-234), procurando juntar dois fragmentos de uma estatueta funerária (a parte superior do Museu do Louvre e a parte inferior do Museu de Brooklin) e concluindo que um seria de Meritaton e o outro de Nefertiti.

Um tema confluyente do anterior é o artigo de Christian Loeben, do Kestner-Museum de Hannover, acerca de «Une inhumation de la grande épouse royale à Amarna? La figurine funéraire de Néfertiti» (pp. 235-246), afirmando o autor que tanto o fragmento do Museu do Louvre como o do Museu de Brooklin são parte de uma estatueta funerária de Nefertiti.

Com o seu perturbante «Assassiner le Pharaon!» (pp. 247-260), Marc Gabolde intenta desmontar a teoria aceite desde há muito sobre a identidade de Semenkharé, o sucessor de Akhenaton, que para alguns seria familiar do monarca; afinal, diz o autor com argumentos que parecem convincentes, Semenkharé era o príncipe hitita Zannanza, que foi assassinado antes de reinar.

É ainda Marc Gabolde que nos apresenta «Les portraits d'une reine pharaon» (pp. 261-272), analisando as imagens que foram encontradas na oficina amarniana do escultor Tutmés, e que para ele seriam da princesa Meritaton, tornada rainha-faraó, com o nome de Ankhethkeperuré, depois da morte de Akhenaton.

Mais uma vez Marc Gabolde oferece-nos, como conceituado amarnólogo, nova contribuição, desta feita interrogando-se: «Pour qui fut confectionné le mobilier funéraire de Toutânkhamon?» (pp. 273-286). A resposta torna-se clara, com a ajuda de fotos e esquemas que comprovam a presença do nome de Meritaton, que teria reinado como rainha-faraó, por debaixo do nome de Tutankhamon, acrescentado depois.

Por fim Alain Zivie, director da Mission Archéologique Française du Bubasteion, em Sakara, apresenta um texto «À propos de la tombe de Maïa, nourrice de Toutânkhamon» (pp. 287-309), que, entre outros predicados, tem o mérito de comprovar a importância de Mênfis durante o período amarniano, sendo certo que foi lá que a realeza se instalou depois do abandono de Amarna-Akhetaton.

A obra fecha com um Index (pp. 311-318) e uma página de agradecimentos aos participantes nesta compilação variada e deveras útil, sobretudo para os que se interessam em particular pelo controverso período amarniano.